

**‘POLITIZAR’ AS IMAGENS TÉCNICAS
ANÁLISE DA ATUAÇÃO META-HISTÓRICA DE ATIVISTAS DIGITAIS
SOB A ÓTICA DO CONCEITO FLUSSERIANO DE ‘ARTISTA’¹**

‘POLITICIZE’ TECHNICAL IMAGES

**ANALYSIS OF THE META-HISTORIC PERFORMANCE OF DIGITAL ACTIVISTS
FROM THE PERSPECTIVE OF THE FLUSSERIAN CONCEPT OF ‘ARTIST’**

Cláudia Belém² e Roberto Bartholo³

Resumo

Vilém Flusser acredita que as imagens técnicas são o centro da sociedade telematizada e cada vez mais desumanizada. Para criar uma sociedade digna de homens, ele defende que é preciso “injetar valores, politizar as imagens”. Mas o revolucionário histórico não está apto a lidar com essa realidade pós-histórica, ele atua intra-historicamente. O artista, o programador, o fotógrafo seriam os novos revolucionários, que agem sobre o *complexo homem-aparato*, estressando e subvertendo suas funções predeterminadas. Este estudo analisa a atuação da ONG Meu Rio para avaliar a possibilidade de ativistas digitais estarem atuando como os artistas-revolucionários de Flusser: informando as imagens de valor político a partir de uma posição meta-histórica.

Palavras-chave: Teoria da Comunicação. Ativismo digital. Política. Redes sociais. Vilém Flusser.

Abstract

Vilém Flusser believes that technical images are at the center of the telematized and increasingly dehumanized society. To create a society worthy of men, he defends that it is necessary to “inject values, politicize images”. But the historical revolutionary is not able to deal with this post-historical reality, he acts intra-historically. The artist, the programmer, the photographer would be the new revolutionaries, who act on the *man-aparato complex*, stressing and subverting its predetermined functions. This study analyzes the performance of the NGO Meu Rio to assess the possibility that digital activists are acting like Flusser’s revolutionary artists: informing images of political value from a meta-historical position.

Keywords: Communication theory. Digital activism. Politics. Social Media. Vilém Flusser.

¹Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho do Eixo Temático 8 (Modelos Mudam), do VII ComCult, Faculdade de Comunicação da FAAP - Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo – Brasil, 13 a 17 de setembro de 2018.

² Mestranda, Programa de Engenharia de Produção da COPPE/UFRJ. E-mail: belem.pessoal@gmail.com

³ Professor Doutor, Programa de Engenharia de Produção da COPPE/UFRJ. E-mail: bartholo.roberto@gmail.com

Introdução

“Os novos revolucionários são fotógrafos, filmadores, gente do vídeo, gente do software, e técnicos, programadores, críticos, teóricos e outros que colaboram com os produtores de imagem. Toda essa gente procura injetar valores, ‘politizar’ as imagens, a fim de criar a sociedade digna de homens” (Flusser, 2008).

Tomando como referência esta declaração de Flusser, a sociedade indigna de homens seria então formada por imagens despolidizadas, geradas por e para o entretenimento. Nesta sociedade indigna de homens, estamos divididos entre entorpecidos e saudosistas. Os primeiros se distraem “com os *gadgets* revolucionários, com os circuitos fechados e com os diálogos eletrônicos programados” (Flusser, 2008) num processo de ausência de consciência. Os outros são como “os Guevaras, os Khomeinis, os Kadafis”, berram e “não podem despertar a consciência adormecida, já que enriquecem os programas das imagens que nos divertem” (Flusser, 2008). É uma produção torrencial de imagens técnicas, que se hipertrofiam, se devoram e nos devoram (Baitello, 2005).

No mundo pós-histórico flusseriano, somos parte do que Flusser chama de *complexo homem-aparato*. Ao homem cabe o papel de funcionário que alimenta o programa de imagens técnicas. Não importa em que categoria este homem atual se encaixe, ele é parte integrante desse processo de produção de conteúdo. O entorpecido gera e consome imagens técnicas por entretenimento. Mas também os autodenominados revolucionários produzem e consomem imagens técnicas quando tomam as ruas e os microfones.

“Antigamente o que estava em causa era a ordenação formal do mundo aparente da matéria, mas agora o que importa é tornar aparente um mundo altamente codificado em números, um mundo de formas que se multiplicam incontrolavelmente” (Santaella, 2012). A máquina está na centralidade da cultura e o homem é a peça de reposição que trabalha para mantê-la em funcionamento. Como bons funcionários do programa, os políticos atuam para as câmeras e os manifestantes atuam para os celulares. Tudo almeja se transformar em imagem técnica.

Flusser assim resume a conversão do ato político em produção de imagem técnica: “O sentido da chegada do homem na Lua é a imagem. Um sequestro de avião acontece para a imagem. O sentido da ação política é a imagem. A imagem tornou-se meta da História” (Flusser, 2015). Estamos na pós-História. O mundo linear, construído pelo modo de pensar da escrita fonética ocidental - uma conta após a outra, tudo tem causa e consequência -, sai da centralidade para a borda da sociedade. O mundo Histórico é passado. “Não é o artigo que ‘explica’ a fotografia, mas é a fotografia que ‘ilustra’ o artigo. Este só é texto no curioso sentido de ser pré-texto da fotografia. Tal inversão da relação ‘texto-imagem’ caracteriza a pós-indústria, fim de todo historicismo” (Flusser, 1985). Na pós-História, não há linearidade, sequencialidade, causalidade. O olhar vagueia pela imagem formada por pixels de forma desordenada, sem hierarquia.

Tomando a teoria da comunicação elaborada por Flusser como recorte teórico, analisamos a atuação da Organização Não Governamental Meu Rio e seu trabalho de mobilização política apartidária e de enfrentamento do poder público local em prol de causas relacionadas à cidade do Rio de Janeiro e seus cidadãos. Saber como ela e seus ativistas subvertem os usos das ferramentas on-line, como redes sociais e sites, e até da imprensa, na tentativa de politizar as imagens é uma forma de testar e avaliar o conceito de “revolucionário-artista” de Flusser.

Esta pesquisa faz parte de um estudo de espectro mais amplo, que envolve entrevistas com ativistas que trabalham no Meu Rio e em ONGs parceiras, pessoas que foram beneficiadas por causas defendidas pelo Meu Rio e jornalistas que repercutiram as ações. Além das entrevistas temos acesso como gestores à página do Facebook do Meu Rio e da ONG parceira Minha Jampa (baseada em João Pessoa), acesso concedido pelas equipes das ONGs. Participamos como ouvintes de treinamento de novos ativistas e realizamos extensa pesquisa desk resgatando entrevistas e palestras realizadas pelos fundadores do Meu Rio e disponíveis na internet. Além disso, analisamos os diversos sites criados para mobilização que estão hoje no ar. Para ter acesso a páginas que estão fora do ar ou foram modificadas e avaliar o que estava publicado nos sites das campanhas no período em que estavam ativas, a pesquisa se utiliza do

site Internet Archive – Wayback Machine (<https://archive.org/web/>) que gera randômica e aleatoriamente impressões de páginas da internet.

Atuação meta-histórica

“O decisivo em relação aos aparelhos não é quem os possui, mas quem esgota o seu programa” (Flusser, 1985).

Neste estudo, assumimos a postura possibilista de Flusser e experimentamos, através de perguntas, um caminho para a dignificação da sociedade, a ideia engendrada por ele da “politização” das imagens. Perguntamos: Quem são esses novos revolucionários flusserianos? Como atuam? Como mobilizam? Que ferramentas de comunicação usam? Quem são esses “fotógrafos, filmadores, gente do vídeo, gente do software, e técnicos, programadores, críticos, teóricos e outros que colaboram com os produtores de imagem”?

A explosão sequencial da Primavera Árabe, do movimento Indignados (Espanha) e do Occupy Wall Street (Estados Unidos), em 2011, e das Jornadas de Junho no Brasil, em 2013, aponta para o surgimento de uma nova institucionalidade: a ocupação das ruas por multidões que se apropriam e ao mesmo tempo se deixam moldar pela tecnologia das redes sociais. Naquele momento, a impressão estabelecida pelo senso comum, propagada pela imprensa e analisada por acadêmicos é de que existe um novo movimento gestado nas redes virtuais, independente da política tradicional, apartidário, orgânico, sem líderes e reunindo demandas diversas entre si. “Esses movimentos sociais em rede são novos tipos de movimento democrático – de movimentos que estão reconstruindo a esfera pública no espaço de autonomia constituído em torno da interação entre localidades e redes da internet” (Castells, 2013).

Entretanto, os métodos de atuação nas redes sociais dos ativistas - com o Twitter funcionando originalmente como base de articulação interna das lideranças e o Facebook em prol da mobilização externa dos simpatizantes (Gerbaudo, 2012) - são capturados por populistas de direita e esquerda que articulam suas bases em movimentos que sucedem as explosões orgânicas do início da década de 2010.

“This phenomenon is significantly not seen only among rightwing populists as Donald Trump and Nigel Farage, but also among leftwing populist movements such as the Bernie Sanders campaign in the US and the rise of Podemos in Spain, both of which been equally capable of using social media to their advantage”, argumenta Gerbaudo (2018).

Parte da percepção de espontaneidade gerada por esses primeiros movimentos se perde com a submissão e a derrota de muitas das causas então defendidas. E a subsequente ocupação das redes sociais e do espaço da internet pela política tradicional, pelo discurso de ódio, pelas mentiras apelidadas de “fake news” parece ser a pá de cal para um movimento que prometia um novo modo de fazer política.

Porém, ativistas que se descobrem como tal nesse período seguem em frenética atividade. Insistem em ocupar o ciberespaço e atuar para mobilizar para manifestações presenciais, envios massivos de e-mails, listas de abaixo-assinado virtuais, “twittaços”⁴. São muitas as causas abraçadas: identitárias, pela sobrevivência num mundo ameaçado pela mudança climática, pela redução de desigualdades, contra a violência policial. Até o resgate de animais domésticos mobiliza.

Se vestimos os óculos de Flusser e olhamos para essas articulações on-line, podemos enxergar aqueles que não aceitam o entorpecimento como padrão de vida, e tampouco gritam, como os Guevaras e os Khomeinis. São os que investem contra o *aparato*, subvertem o uso para o qual foi programado, estão em constante teste dos limites das opções predefinidas. Não estão apartados do *aparato*, ao contrário, o conhecem profundamente e jogam com ele.

Curiosamente, Flusser os define como *artistas*. “This transposes the notion of an artist as a supposed creator to the notion of an artist as the one who resists the structures of power” (Tratnik, 2016). São artistas levados, muitas vezes, pelo interesse pelo próprio programa. Nascem já num mundo *telematizado*, conhecem as ferramentas do jogo mas não aceitam que as possibilidades inseridas na programação sejam as únicas às quais têm acesso e estressam essas possibilidades, arriscam, brincam, criam, sem abrir mão do aspecto lúdico do jogar.

⁴ Twittaço é uma ação de mobilização para que vários usuários falem sobre o mesmo tema num curto espaço de tempo na rede social Twitter, de forma a levar este assunto a ocupar um dos primeiros lugares na lista de “Trend Topics”, chamando assim a atenção também em outros meios como a imprensa

Neste sentido, os artistas flusserianos geram imagens técnicas *politizadas*, porque as informam de sentido, como nossos antepassados já informaram a pedra lascada. Essa reação de dentro da lógica do programa é uma posição chave no conceito do artista jogador como salienta Flusser (2002): “For those who think in written lines, the term means the possibility of acting upon history from within history. For those who think in films, however, it will mean the possibility of acting upon history from without”. O homem histórico atua sobre a História de dentro dela, ele atua **intra-historicamente**. Uma posição que não lhe permite mais agir pela mudança, já que está imerso num mundo do passado. Já aquele que pensa em filmes atua de fora e sobre a História, é uma atuação **meta-histórica**.

Os artistas flusserianos atuam de uma posição privilegiada pois conhecem o funcionamento do programa. Brincam e se entretêm com ele, como a imensa maioria da multidão. Vão para a rua e se manifestam, produzindo novas imagens técnicas para alimentar o programa de memes, vídeos engraçados, dancinhas com dizeres políticos. Mas seu espírito é crítico, seu olhar de fotógrafo dança em torno do objeto a ser fotografado, sua atitude de programador busca a falha do programa. “O pensamento político está mudando. Está se tornando consciente do estreito vínculo entre estruturas políticas, pensamento e ação científica e expressão artística” (Flusser, 2018).

Politizando todos os campos da vida social

“O engajamento político está superado. O engajamento de que participamos é o engajamento intersubjetivo. Ele supera a política à medida que a suprime e conserva em si, bem no sentido hegeliano” (Flusser, 2015).

A Organização Não Governamental batizada de Meu Rio é fundada por Miguel Lago e Alessandra Orofino em agosto de 2011. O Meu Rio nasce num momento em que o Rio está em destaque na mídia mundial, faz parte do circuito de cidades da Copa do Mundo em 2014, e está prestes a sediar os Jogos Olímpicos de 2016. O Rio é a capital afetiva do país onde o presidente Lula é “o cara”, na fala do presidente americano Barack Obama.

Miguel e Alessandra compartilham uma visão: o uso da tecnologia e o foco em mudanças no ambiente micropolítico (a cidade) é capaz de ampliar a oportunidade de participação dos cidadãos. O objetivo do Meu Rio é “criar uma plataforma que ajudasse o cidadão carioca a participar da vida política da cidade de uma maneira apartidária, fora do ciclo eleitoral, e de forma permanente”, diz Alessandra no vídeo-depoimento para a página Imagine2030, no Youtube (https://www.youtube.com/watch?v=JFq4_OSqbbM, acesso em 25/11/2020). E Miguel completa em outra entrevista: “A missão do Meu Rio é aproximar o cidadão carioca do centro das decisões públicas da cidade do Rio de Janeiro”, na página igovsp, no Youtube (https://www.youtube.com/watch?v=DLubU5ko3mE&feature=emb_logo, acesso em 28/11/2020).

Em uma apresentação no TEDxUFRJ, em maio de 2013, Miguel articula seu pensamento numa estrutura similar à descrita por Flusser. Miguel diz indiretamente que o objetivo de sua atuação é a *politização das imagens*: “A melhor maneira de contribuir para essa grande transformação é politizando e mobilizando; politizando em todos os campos da vida social” (<https://www.youtube.com/watch?v=IJHaeppeXjo>, acesso em 25/11/2020).

Através das ferramentas on-line, o Meu Rio tinge o ambiente digital de uma atuação que se constrói fora do velho ambiente dualista casa x rua. Flusser vê a casa, o ambiente privado, como um queijo suíço, furado por cabos e sinais que atravessam as paredes. Não há mais sentido em sair à rua para se informar. “Sair do espaço privado já não é ganho de informação, mas perda de informação” (Flusser, 2015). O fim da dicotomia público e privado é o fim da política para Flusser.

A atuação do Meu Rio através de imagens é uma experimentação que pode fazer parte da construção de uma nova institucionalidade. A equipe da ONG tem um modelo de troca com seu público baseado em 3 movimentos constantes: informar, ouvir e participar. Informar significa monitorar o que acontece nas casas legislativas, na Prefeitura e nos órgãos públicos e traduzir essas informações em imagens divulgadas através de meios eletrônicos, em encontros presenciais e via imprensa. Ouvir significa abrir canais de comunicação com o morador da cidade para saber o que ele pensa sobre cada tema debatido, ou para levantar anseios que

possam ser convertidos em causas, seja através de ferramentas on-line ou em encontros presenciais. Participar se traduz em mobilizar o público para diferentes formas de atuação, desde a manifestação na escadaria da Câmara dos Vereadores em um movimento de pressão contra ou a favor de um projeto até o compartilhamento de um post numa rede social.

Essa troca acontece especialmente através de meios digitais. O Meu Rio possui páginas nas redes sociais Instagram, Twitter, Facebook, LinkedIn e Youtube. Além dessa rede de seguidores, possui uma rede de apoiadores que recebem informações através de e-mail e WhatsApp. Há projetos do Meu Rio que envolvem ainda outros meios de comunicação, como é o caso da Beta, a Robô Feminista, um chatbot baseado no Facebook. Nesse ambiente on-line são traduzidos em memes, vídeos e textos informais as notícias políticas e as mobilizações para ações. A equipe de mobilizadores inclui designers e com frequência eles vão às ruas em busca de fotos e vídeos que alimentem as páginas e provoquem o seu compartilhamento nas redes sociais através dos usuários engajados.

O estudioso Clay Shirky acredita que a oferta da tecnologia abre espaço para que as pessoas que investiam tempo consumindo conteúdo da TV passem a produzir conteúdo e compartilhar na internet. O ato de compartilhar, neste sentido, é intrínseco ao desejo de criar no ambiente da pós-história. E, no caso de ações de engajamento político, social, identitário, do ponto de vista do ativista, compartilhar é definidor de sua atuação. “Esse fazer e compartilhar é sem dúvida uma surpresa, comparado ao comportamento anterior. Mas o puro consumo de mídia nunca foi uma tradição sagrada; era apenas um conjunto de acasos acumulados, acasos que estão sendo desfeitos à medida que as pessoas começam a empregar novos mecanismos de comunicação para realizar tarefas que a antiga mídia simplesmente não pode fazer” (Shirky, 2011).

Essa mudança de postura do público comum abre espaço de troca entre as ações dos ativistas na rede e os seguidores de suas páginas. Mas ainda assim é preciso um ponto de partida: uma imagem técnica carregada de sentido de urgência, capaz de mobilizar e gerar o compartilhamento. Como tudo almeja virar imagem técnica, os ativistas do Meu Rio

concedem esse desejo e transformam o ato político em imagem técnica, a imagem técnica em ato político.

Uma ação característica desse processo é a campanha Verão do Saneamento, e uma ação específica dessa campanha, o Bacteriato. Em dezembro de 2013, a equipe do Meu Rio lança a campanha #VerãoDoSaneamento. A ONG inaugura um site onde o público pode se inscrever como voluntário para montar ações coordenadas e chamar a atenção do poder público, da imprensa e do cidadão para a péssima qualidade da água das praias e a falta de saneamento na cidade. O simpatizante da causa pode também se inscrever para ser convocado por SMS a participar dos atos organizados pela própria ONG. Segundo o site oficial da campanha (<http://verao.meurio.org.br/>, acesso em 08/01/2021), 240 pessoas se voluntariam para organizar, e 1.200 entregam seus números de celular para serem convocados.

Relatórios do Facebook (acessado como administrador da página Meu Rio em 08/01/2021) informam que 1,4 mil pessoas compartilham o post com o link do site na rede social até a data deste acesso. A campanha Verão do Saneamento dura cerca de 12 semanas e envolve ativamente atletas que estão treinando nas águas da Baía de Guanabara, surfistas, moradores da Rocinha, do Vidigal e de outras comunidades próximas à praia.

Porém a ação que mais repercute, inclusive na imprensa internacional, é o Bacteriato, uma manifestação presencial realizada em 25 de janeiro de 2014, com vasos sanitários espalhados na areia da Praia de Ipanema. Ativistas ligados ao movimento e passantes se sentam nos vasos gerando imagens impactantes. A ação tem resultado, mas não é imediato. A campanha segue pressionando o poder público. Em 17 de agosto de 2015, a Cedae, empresa pública gestora de águas e esgoto na cidade do Rio, passa a ser regulada pela a AGENERSA (Agência Reguladora de Energia e Saneamento do Estado do Rio de Janeiro) conforme Decreto número 45.344, assinado pelo governador. E é obrigada a cumprir parâmetros de entrega de serviços.

Os vasos sanitários colocados sobre a areia da Praia de Ipanema no Bacteriato transformados em fotografia são um exemplo da politização das imagens técnicas flusserianas. A ação, criada com intenção de gerar informações imagéticas para a imprensa e para as redes sociais, alimenta o *complexo homem-aparato*. Entretanto os entorpecidos que se perdem no consumo

das redes. Mas não só. Ao assumir o pressuposto de que as ferramentas digitais podem ser ponte entre o poder público e o cidadão, ponte de mão-dupla que informa e pressiona, a equipe do Meu Rio introduz ruídos nas regras pré-definidas do programa que subvertem a razão original das redes sociais.

“Thus, it can be said that from a political perspective social media are channels that have slipped from the hands of their creators, large digital corporations as Facebook and Twitter whose support towards the neoliberal agenda is evident, but which have found themselves hosting conversations whose political content raises a fundamental challenge to neoliberal ideology”, argumenta Gerbaudo (2018), apontando o uso subversivo das redes sociais que não se coadunam com o objetivo de geração de lucro para o qual elas foram criadas.

Até as ferramentas de vigilância podem ser subvertidas. A campanha Escola Não se Destrói, que se desenrola no ambiente presencial e digital entre outubro de 2012 e novembro de 2013, defende a manutenção da Escola Municipal Friedenreich, ameaçada de demolição para ser transformada em quadra de apoio aos atletas da Copa do Mundo de 2014. A escola é dedicada ao Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano, inclusiva com alunos com necessidades especiais e funciona dentro do complexo do Maracanã. O Meu Rio é convidado pela comunidade escolar – responsáveis, professores, funcionários e alunos – a colaborar na campanha, e os ativistas da ONG acabam por cocriar as ações que se sucedem: pressão pelo tombamento da escola junto ao Poder Legislativo local, pressão por respostas claras da Prefeitura e do Governo do Estado, articulação com outros equipamentos vizinhos também ameaçados de demolição, até a participação nas Jornadas de Junho de 2013.

Quando chegam as férias do verão de 2013 (janeiro e fevereiro), a comunidade escolar fica temerosa de que a Prefeitura aproveite a escola sem aulas e vazia para dar início à demolição. Os pais chegam a avaliar a hipótese de ocupar a escola, dormindo lá ao lado das crianças. Mas o medo de um processo violento de desocupação pondo em risco as crianças acaba demovendo-os da ideia. A solução vem da tecnologia: uma câmera conectada à internet é instalada em um apartamento de frente para a entrada da escola. Nasce a ação De Guarda, em que as redes sociais do Meu Rio convocam os simpatizantes da causa a se inscreverem como

voluntários para uma vigilância cívica. Segundo o site de balanço da campanha (<https://www.escolanaosedestroi.meurio.org.br/> Acesso em 27 de novembro de 2020), 1.954 pessoas se inscrevem para participar da vigilância. Parte se voluntaria para fazer plantão em frente ao computador e vigiar a entrada da escola. Outra parte se oferece para ser convocada, via mensagem de SMS, para, a qualquer hora do dia ou da noite, defender o espaço, se colocar “entre o trator e a escola”, como é escrito em posts e e-mails de comunicação pela equipe do Meu Rio.

É uma ocupação virtual. Mas a campanha é também permeada por ações presenciais. Como uma aula simbólica realizada em frente ao prédio administrativo da prefeitura, manifestações em locais públicos, ida a votações em plenários da Câmara Municipal e na Assembleia Legislativa. Nem sempre, porém, a causa abraçada gera uma oportunidade tão clara de produção de uma imagem técnica original e tão impactante quanto vasos sanitários espalhados pela Praia de Ipanema ou crianças assistindo a uma aula na calçada.

Em 2019, o Meu Rio decide levantar uma campanha em prol dos cursos comunitários preparatórios para o vestibular. A ideia vem de uma das funcionárias da ONG, Debora Pio: “Em 2018, a Marielle foi assassinada. ... Isso me deixou profundamente desestabilizada. Eu ficava pensando ‘o que a gente pode fazer para honrar o legado da Marielle que não seja só uma campanha sobre segurança pública?’. (...) Ela sempre falava ‘sou cria de pré-vestibular comunitário’. E eu tive essa ideia: ‘vamos fazer uma campanha para construir o pré-vestibular comunitário Marielle Franco’” (entrevista realizada em 3 de março de 2021, via plataforma de vídeo on-line Zoom).

Depois de rodadas de avaliação interna com a equipe, os ativistas do Meu Rio optam por apoiar cursos já em funcionamento na cidade e que precisavam de recursos para sanar diferentes problemas. E a campanha Somos Cria estreia nas redes sociais em 17 de setembro de 2018 com o post de um vídeo em que aparecem jovens que estudaram nos cursos que serão beneficiados, crias dos cursos comunitários que alcançaram o objetivo de fazer uma faculdade.

Além do vídeo, a campanha é distribuída via e-mail para os assinantes da newsletter do Meu Rio. Todos os destinatários recebem uma carta pessoal de Debora, mas quem assina o e-mail e apresenta a campanha e a carta da colega é Rodrigo, assim, sem sobrenome. Na carta, Debora diz “Meu ingresso na faculdade de jornalismo na PUC via ProUni é um resultado de uma destas iniciativas: eu sou uma cria do pré-vestibular comunitário Canaã, em Bangu”. Esta mensagem, enviada através da ferramenta de e-mail marketing Mailchimp, é a transformação da palavra em imagem técnica. E é também a subversão de uma ferramenta de comunicação de e-commerce em ferramenta de mobilização social.

Não são só as redes sociais que têm suas funções subvertidas nas campanhas do Meu Rio. O e-mail marketing é absorvido como parte do arcabouço de táticas implementadas pelos ativistas. E conforme novas ferramentas e plataformas – como o WhatsApp - vão sendo criadas para intensificar a relação entre marcas e consumidores, elas vão também se transformando em veículos de ações políticas, informadas de intenções não comerciais. Como dito acima por Gerbaudo (2018), as ferramentas das grandes corporações deslizam “from the hands of their creators”.

Considerações finais

Este estudo visita as ações da ONG Meu Rio para testar conceitos de Vilém Flusser elaborados em sua teoria da comunicação: o artista enquanto revolucionário, a politização das imagens técnicas, o exercício da subversão do *complexo homem-aparato*. No cerne desse exercício está a pergunta: Os ativistas digitais seriam os artistas flusserianos capazes de atuar de forma meta-histórica?

“According to Flusser, a meaningless historical rebellion against the supposed motivations of an intentionless machine cannot change this situation. It can only be changed by means of a complete transformation of the technical and material forms of discursive structures into dialogical forms” (Ströhl, 2002). O estudioso e principal difusor de Flusser nos Estados Unidos, Andreas Ströhl, assim analisa a ideia de construção dessa sociedade *telematizada* dignificada por e para homens. O sentido informado à imagem gera a possibilidade do diálogo

e do ato subversivo: o uso da máquina para algo que ela não foi projetada; um uso para fins de humanização. Está aberto um diálogo que se contrapõe ao discurso reinante nas relações humanas mediadas por máquinas e algoritmos.

Ao politizar as imagens e carregá-las de sentido, a equipe do Meu Rio abre uma possibilidade de diálogo no meio digital. A partir do uso das ferramentas digitais e de fora da articulação das instituições tradicionais da velha política, a equipe do Meu Rio testa o quanto uma imagem “politizada” é subversiva.

A sociedade vive hoje um momento em que ativistas digitais, em suas mais diferentes frentes de atuação e correntes ideológicas, estão construindo novas formas de fazer política. Podem também estar construindo novas institucionalidades, capazes de reestruturar a relação do cidadão com suas comunidades, ocupando o espaço que a política tradicional vem deixando vago conforme fica patente que sua funcionalidade se esgotou junto com o mundo histórico.

A posição meta-histórica dos ativistas digitais permite uma desconstrução do edifício da política tradicional, vertida em espetáculo para as câmeras. Eles entendem como funciona o aparato e subvertem o seu funcionamento, remam contra a entropia que gera o entorpecido e o saudosista.

“É possível não se negar a ser sujeito do mundo, mas também não se deixar tomar como objeto. Estar dentro para conhecer e estar fora para pensar” (Baio, 2015).

Referências

Baio, Cesar. (2015). “O jogo de Vilém Flusser: pistas para uma estética ‘sem chão’”. *Anais da Conferência Do Conceito à Imagem - A cultura da mídia pós-Vilém Flusser*. Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, p. 309-334.

Baitello Jr, Norval. (2005). As núpcias entre o nada e a máquina. Algumas notas sobre a era da imagem. *I/C (Sevilla)*, Sevilha, v.2, p. 19-29

Castells, Manuel. (2013). *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*, 1 ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores.

Flusser, Vilém. (1985). *Filosofia da Caixa Preta*. 1 ed. São Paulo, Editora Hucitec.

Flusser, Vilém. (2002). *Writings* (Ströhl, A., org), 1 ed. Minnesota, University of Minnesota Press.

Flusser, Vilém. (2008). *O universo das imagens técnicas. Elogio da superficialidade*. 1 ed. São Paulo, Annablume.

Flusser, Vilém. (2015). *Comunicologia - Reflexões sobre o futuro*. 1 ed. São Paulo, Martins Fontes.

Flusser, Vilém. (2018). Sobre Edmund Husserl. *Flusser Studies*, v 26. Disponível em: <<https://www.flusserstudies.net/sites/www.flusserstudies.net/files/media/attachments/vilem-flusser-sobre-edmund-husserl.pdf>>. Acesso em 7 de junho de 2020.

Gerbaudo, Paolo. (2012). *Tweets and the streets: social media and contemporary Activism*, 2 ed. London, Pluto Press.

Gerbaudo, Paolo. (2018). Social media and populism: an elective affinity?. *Media, Culture and Society*, v 40, n 5, p. 745-753

Santaella, Lúcia. (2013). Flusser: Um Pensador Visionário. *Flusser Studies*, v. 15 (Mai). Disponível em <<https://www.flusserstudies.net/archive/flusser-studies-15-may-2013>>. Acesso em 15 de junho de 2020.

Ströhl, Andreas. (2002). Introduction, in Vilém Flusser, *Writings*, 1 ed. Minnesota, University of Minnesota Press.

Shirky, Clay. (2011). *A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado*, 1 ed. Rio de Janeiro, Zahar.

Tratnik, Polona. (2016). Art as Acting Against the Program of the Aparato, *Flusser Studies*, v. 22 (Dec), pp. 1-10. Disponível em <<http://www.flusserstudies.net/node/615>>. Acesso em 8 de agosto de 2020.